



Síntese

12 MAR. 1940

Após alguns meses de suspensão forçada por razões de ordem vária, «Síntese» volta a publicar-se. O seu plano cultural mal esboçado no primeiro número, já mais claro no terceiro, em que a sua publicação foi temporariamente interrompida, volta a pôr-se em acção.

Digamos, mais uma vez, qual é o nosso programa:

É fornecer materiais sólidos a uma boa cultura, fornecer o *abstractum* cultural a que nos referimos num artigo publicado no n.º 3, em resposta a quem nos criticou;

é abrir perspectivas perante os moços que as desejam e não as tem;

é fazer cultura no sentido sólido que à palavra pode ser dado, e que não deve entender-se como simples distribuição de conhecimentos nem como jogos inconsistentes de espírito, mas como um exercício da mentalidade apoiado em elementos reais.

*

Sobre a utilidade duma revista em Portugal no género de «Síntese», sobre a sua necessidade, pouco há a dizer: uma e outra são manifestas.

O nosso país, que ainda há uns dez anos era estigmatizado pelo epíteto de

«país de analfabetos», tem progredido tanto no sentido cultural que só não vê quem não quiser ver êsse progresso.

Os moços do Portugal contemporâneo sentem já a necessidade de alguma coisa que não lhes é dada pelo foot-ball nem pela bicicleta. A sêde de cultura — bem dita sêde! — manifesta-se constantemente por várias formas, pela procura de livros acessíveis, por artigos publicados nos jornais, pela fundação de grupos e sociedades «instrutivas», etc.

Êste movimento esboçado há pouco tempo ainda, mas que dia a dia vai tomando incremento, não atinge apenas as classes universitárias ou a massa dos liceus; observa-se sobretudo nos que não cursam, nos operários, nos empregados de escritório e do comércio, em gente nova que não pode seguir uma aspiração afogada logo de início, mas que teima em ressurgir por caminhos desviados e muitas vezes desvirtuados.

Êste movimento de ascensão do espírito, é-nos grato observá-lo, e registamo-lo com satisfação.

Só pela integração do indivíduo na cultura da sua época êle se torna verdadeiramente Homem. E a cultura da nossa época, tão vasta e tão complexa, é profundamente humana.